

## Por uma Cartografia do Movimento

Dr Clézio SANTOS

Prof. Ms. de Geografia da Fundação Santo André (FSA), do Centro Universitário Assunção (UNIFAI) e doutorando no Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). clezio@fsa.br  
Área: Geografia

O que seria a cartografia do movimento? Uma nova cartografia temática? Uma cartografia direcionada a preocupação do tempo e da dinâmica espacial?

Entendemos a cartografia do movimento como sendo a cartografia que questiona sua forma tradicional de representação e de uso. A cartografia tradicionalmente é utilizada como uma informação estática, datada e como palco resultante das ações humanas. A cartografia vista como um conhecimento social preocupado com o homem oferece uma linguagem ímpar que é a linguagem visual para o uso social. Dessa maneira, a cartografia ganha uma nova dimensão que é a social e portanto a mobilidade que o conhecimento social constrói no espaço. Falamos de dinâmica espacial.

Precisamos ver e usar a cartografia com esses novos olhos, não podemos mais ver a cartografia e seus produtos como algo pronto e acabado. O mapa um de seus grandes produtos deve ser articulado como linguagem visual dinâmica, que contém inúmeras significados culturais.

Vamos utilizar como exemplo a cartografia direcionada para o entendimento do processo migratório no espaço brasileiro e suas repercussões no meio ambiente, no que popularmente vem sendo denominada de cartografia ambiental.

A cartografia ambiental está intrincada dentro da cartografia temática, com algumas especificações e aplicações diferenciadas. Uma cartografia presa por sua vez, a um setor específico da cartografia temática responsável pela sistematização dos mapas ambientais ou do ambiente.

A representação gráfica do ambiente está presa na configuração da superfície terrestre e como ela vem sendo representada pelo homem, bem como a necessidade de enfatizar paisagens e lugares ocupados pelas atividades do homem.

Quando lidamos com representação gráfica ambiental, estamos nos referindo à técnica e a arte. Utilizamos a palavra representação no seu mais amplo significado, como expressão da realidade: um mapa com essa conotação representa melhor o que se conhece da Terra, do que se pode ver dos pontos mais altos. Vemos o confronto nesta definição de duas visões: a técnica com todo o seu convencionalismo e a arte com toda a sua abstração.

A representação gráfica seguindo as idéias de Jacques Bertin e Erwe Therèy, cartógrafos franceses, faz parte do sistema de signos que o homem constrói para melhor reter, compreender e comunicar as observações que lhe são necessárias. Refletindo sobre essa definição e a necessidade que os geógrafos têm de criar subprodutos da representação gráfica, levantamos uma nova questão referente à cartografia ambiental: temos que criar um novo sistema de signos para transmitir as informações importantes do ambiente? E como relacionamos a cartografia ambiental ao processo migratório?

O processo migratório não deve ser visto como mais uma informação a ser passada para o mapa e sim é a informação que detona as mudanças ambientais desse espaço. Portanto pensar a migração no Brasil atual não apenas pensar no fluxos de pessoas que saem de uma região desfavorável e caminha em direção a uma região mais favorável economicamente. É pensar no “peso” do migrante nesse novo espaço. O migrante passa a influenciar muito o local que se estabelece, chegando a mudar até o

predomínio da cor nesse espaço. Exemplo disso é o estado de Roraima que é um estado com predomínio de moradores de cor branca. Onde estão os índios desse antigo território indígena? E hoje que se destaca mais nesse estado o branco que domina as cidades e os modos de produção ou o amarelo que está isolado em áreas rurais em meio à floresta?

A cartografia ambiental que leve a sério o processo migratório brasileiro deve pensar em representar graficamente essas questões e fugir as convenções contruídas por uma forma autoritário de ver os mapas. Devemos frisar a cartografia ambiental pertencendo a um contexto bem específico – o da representação gráfica – dentro da comunicação visual.

Os dois sistemas semiológicos (monossêmico e polissêmico) interagem quando a imagem do lugar (o que atrai os indivíduos) e o mapa do lugar (novo fator motivador) interagem para a decisão de escolha e domínio do lugar escolhido para a ação ambiental (seja caminhada, exploração científica), razão pela qual a cartografia ambiental deve utilizar os dois sistemas semiológicos, como complementos e não como antagonismos.

A representação gráfica dada a sua complexidade, tem ao longo do tempo aprimorado quanto à imagem das referências naturais e à precisão da localização dos principais fenômenos ambientais. Entretanto, não conseguimos apreender sua evolução quanto à visualização do movimento, pois o número de informações ainda é escasso e temos dificuldade em acompanhar o desenvolvimento desta nova forma de ver a cartografia temática.

Percebemos o evoluir das técnicas sem a evolução da discussão e apreensão teórica da cartografia e sua dinâmica espacial. Podemos inferir que os dois sistemas semiológicos são complementares, um ao outro, proporcionando uma melhor representação gráfica do processo migratório que influencia o fenômeno ambiental, quando utilizados juntos ou correlacionados. Devemos continuar afirmando a necessidade de uma cartografia do movimento atualmente no Brasil.